

CONTRASTES DE PESO: Estudo mostra que 46,7% das famílias declararam que não se alimentam suficientemente

# Fome é menor, mas linha de pobreza pode subir

Sofisticação do padrão de consumo dos brasileiros aumentou o valor da cesta e proporção de pobres deve crescer

Flávia Oliveira

• A segunda safra de indicadores do mais completo levantamento já feito sobre os gastos das famílias brasileiras promete uma revolução nas estatísticas sociais do país. E não necessariamente melhorando-as. Os especialistas festejam o fato de a fome no Brasil não se aproximar nem remotamente dos níveis africanos, mas alertam que a sofisticação dos padrões de consumo de toda a sociedade pode pressionar para cima o valor das linhas de pobreza e, conseqüentemente, elevar a proporção de pobres. A economista **Sônia Rocha, da Fundação Getúlio Vargas (FGV)** — que estima em 16,9 milhões o total de indigentes e em 60,5 milhões o de pobres no país — diz que, por questões metodológicas, os percentuais tendem a aumentar em razão da quantidade de itens que, agora, integram a cesta de compras dos brasileiros de diferentes níveis de renda.

— Graças a Deus as pessoas não estão desnutridas, mas as linhas de pobreza não vão obrigatoriamente mostrar isso. Elas são calculadas com base num padrão de consumo que se sofisticou. O mix de alimentos estabelecido pela nova POF encarece a cesta de consumo. Se a cesta é mais cara, a linha aumenta. No caso da minha metodologia, a proporção de pobres pode aumentar em dez pontos (percentuais) se a linha passar a refletir o consumo como ele é — diz a pesquisadora, autora do livro "Pobreza no Brasil. Afinal, do que se trata?".

O raciocínio encontra eco nos primeiros resultados, divulgados em maio, da mesma Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) que tornou possível diagnosticar que 4% dos brasileiros



CARRINHOS DE COMPRAS: pobre compra a metade dos itens de consumo das famílias de maior renda

com 20 anos ou mais apresentam déficit de peso. Quando investigou a percepção das famílias sobre fome e falta de dinheiro, a POF trouxe números alarmantes. Segundo o IBGE, 46,7% das famílias declararam não comer a quantidade de alimentos que considera suficiente. E que dois terços delas disseram que não comem melhor por falta de renda.

— A POF está substituindo a discussão sobre passar fome pela de comer bem — resume Márcia Quintsrl, coordenadora de Índices de Preços do IBGE.

### Pobres tentam acompanhar o padrão dos ricos

Os pesquisadores transformaram em calorías a quantidade de alimentos disponíveis nos domicílios. Descobriram que o peso de cada item varia pouco quando se compara a cesta do nível de renda mais baixo (até R\$ 400 por mês) com a do mais alto (acima de R\$ 3 mil): O que oscila for-

temente é a quantidade.

O GLOBO dividiu por 12 a quantidade anual *per capita* de alimentos adquiridos pelas famílias dos dois extremos de rendimento para chegar à média mensal. As duas cestas têm composição semelhante, incluindo arroz, feijão, carne, pão e laticínios. Mas a quantidade de comida adquirida pelos que ganham menos de R\$ 400 equivale à metade do que conseguem comprar os que ganham mais de R\$ 3 mil.

Os dois carrinhos resumem as principais conclusões dos dois primeiros blocos de divulgação da POF. A participação de carboidratos, proteínas e lipídios na despesa de pobres e ricos difere pouco, sugerindo que os primeiros tentam acompanhar o padrão dos demais. Mas como a quantidade comprada pelos pobres soma aproximadamente 1.485 calorías, contra 2.075 dos demais, bastam de que aqueles dependem de refeições fora de casa para

suprir as necessidades calóricas. Caso contrário, estarão sob risco de desnutrição.

O economista **Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV**, reconhece o valor das novas informações da POF, mas não a considera instrumento adequado para analisar a evolução dos indicadores sociais ao longo do tempo. Para ele, mais importante que o nível de indigência é o desenho de políticas públicas que privilegiem os mais pobres entre os pobres. Ele admite que a proporção de indigentes em sua metodologia, que atualmente estima de 47 milhões o total de miseráveis, pode aumentar com a cesta da nova POF.

— O mais importante é que, em 30 anos, tanto a proporção de desnutridos quanto a de miseráveis caiu à metade. É a prova de que os dados são consistentes, embora tratem de níveis diferentes, que passam pela subjetividade de cada pesquisador — diz. ■

### A CESTA 'PER CAPITA' DOS MAIS RICOS E DOS MAIS POBRES

De acordo com a renda familiar, em reais

	RENDIA DE ATÉ R\$ 400	ACIMA DE R\$ 3.000
Arroz	3kg	2kg
Milho	1 lata	1 lata
Feijão	1kg	1kg
Alface/repolho/couve/cheiro-verde	1kg	3,5kg
Abóbora/cabola/tomate	600g	1,7kg
Alho	1 cabeça	1 cabeça
Batata	300g	800g
Cenoura	10g	250g
Alpim	150g	150g
Banana	250g	850g
Laranja	170g	600g
Melancia	90g	400g
Mamão	50g	400g
Maçã/uva/pêssego	-	600g
Farinha de mandioca	1kg	200g
Farinha de trigo	250g	350g
Fubá	400g	100g
Macarrão	350g	500g
Pão de forma	-	200g
Pão francês	580g	1,3kg
Biscoito doce/salgado	350g	520g
Carne bovina	1kg	1,6kg
Carne de porco	150g	300g
Presunto	-	110g
Salsicha	40g	100g
Lingüiça	70g	220g
Fígado	70g	70g
Pescados	500g	320g
Frango	950g	1,2kg
Ovos	120g	120g
Creme de leite	-	1 lata
Leite condensado	-	1 lata
Leite fresco/pasteurizado	2 litros	5 litros
Queijos	30g	500g
Yogurte	60g	350g
Açúcar	2kg	2kg
Doças e bombons	80g	400g
Sai	210g	600g
Maionesa	-	100g
Massa de tomate	30g	200g
Óleo de soja	600ml	910ml
Cerveja	-	1 litro
Vinho	-	150ml
Água mineral	300ml	2 litros
Refrigerantes	700ml	3,5 litros
Café	200g	250g
Alimentos preparados	60g	520g

FONTE: IBGE

## Para governo, política social é correta

Objetivo do Bolsa Família é combater a pobreza, diz secretário de Avaliação

Ex-presidente do IBGE, hoje à frente do Instituto Pereira Passos, órgão oficial de estatísticas da Prefeitura do Rio, Sergio Besserman afirma que os novos dados da POF vão ajudar a corrigir a confusão entre os conceitos de fome, pobreza, miséria e desigualdade, criadas pelo próprio governo. Por sua vez, o secretário de Avaliação e Gestão de Informações do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Rômulo Paes de Souza, diz que a pesquisa corrobora com o desenho das políticas públicas do governo Lula. E que nada vai

mudar na área social.

— Uma coisa é fome e desnutrição, outra coisa é pobreza. A fome é algo inaceitável, mas é restrita e pode ser resolvida com intervenções eficientes em áreas específicas. Certamente, a POF vai levar a revisões importantes nos cálculos de linha de pobreza, permitindo um retrato mais verdadeiro da situação — diz Besserman.

A confusão conceitual sobre fome e pobreza nasceu quando o presidente Lula, no dia seguinte à eleição, escolheu a erradicação da primeira como meta principal de seu governo.

Chegou a afirmar que quase 50 milhões de brasileiros passavam fome. Segundo Rômulo Paes, o que o presidente tinha em mente, na realidade, era a erradicação da pobreza, de uma forma mais ampla. O combate à fome foi prioritário no primeiro ano do governo, com o programa Fome Zero, nas cidades do semi-árido nordestino. Mais tarde, o programa foi incorporado ao Bolsa Família, carro-chefe da área social, que hoje atende a 5,9 milhões de famílias, mas que tem como meta alcançar 53 milhões de brasileiros (1,2

milhões de lares) até 2006.

— A pesquisa demonstra que nossa política integrada é correta. Nosso objetivo é oferecer saúde, educação e segurança alimentar. A grande surpresa foi descobrir os altos níveis de obesidade entre os ricos. Além de estarem com a saúde comprometida, eles têm uma dieta que serve de referência para os mais pobres e isso aumenta o risco para toda a sociedade. (Flávia Oliveira) ■

• MULHERES POBRES TÊM MAIOR DÉFICIT ALIMENTAR, na página 28

### A diferença na renda

- **CARBOIDRATOS:** Nas famílias de mais baixa renda, o consumo de carboidratos é bem superior ao das demais classes de rendimento. Entre os que ganham até R\$ 50 *per capita*, 69,17% da dieta vêm de carboidratos, contra apenas 52,19% das famílias com renda acima de mil reais. Os especialistas explicam que os carboidratos, como farinhas, pães e açúcares, aumentam a sensação de saciedade, ou seja, enganam mais a fome.
- **FRUTAS E VERDURAS:** Enquanto nas casas com renda familiar até R\$ 400 o consumo anual de frutas *per capita* é de apenas 11 quilos, nos domicílios com rendimento superior a R\$ 3.000 essa quantia é quatro vezes maior: 45,86 quilos. Os mais pobres consomem pouco mais de um terço da média de hortaliças adquiridas pelos mais ricos: 15,7 quilos, contra 42,3 quilos. O consumo médio desses itens é abaixo do ideal no Brasil.